

# INVENÇÕES DA INFÂNCIA – MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO

Gustavo Moura Bragança  
Universidade Federal de São João Del-Rei (Bolsista PRODOC/CAPES)

## Introdução

Este breve estudo parte da compreensão da relação entre a representação da infância em obras de cunho memorial e escritas dedicadas a um público infantil ou infanto-juvenil; isto é, pretende-se pensar de que modo a representação autobiográfica/memorial da infância autoral (da infância do escritor) dialoga com uma literatura que tem na infância a sua matéria-prima e, afinal, o seu público leitor. Se o autor de referência deste estudo é o angolano Ondjaki, isso não se dá por acaso: Ondjaki sempre circulou livremente por estes campos da representação literária: autor de obras adultas, infantis e infanto-juvenis, também dialoga, em suas ficções, com a auto-representação biográfica (porventura, poderíamos pensar, com Linda Hutcheon, em *metaficções historiográficas*) através de reinvenções da memória (sobretudo, de seus tempos de criança em Angola). São analisadas as seguintes obras de Ondjaki neste breve estudo: *Bom dia, camaradas*; *Uma Escuridão Bonita*; *Ynari, a menina das cinco tranças*; *O leão e o coelho saltitão*; *O Vôo do Golfinho*. Antes de seguir em frente, devo, entretanto, pontuar que minha inspiração inicial está em Manoel de Barros e Valêncio Xavier, autores distantes em seus projetos literários, mas que se encontram de algum modo nas estratégias de representação – através de obras que não se enquadrariam propriamente naqueles gêneros infantil e infanto-juvenil – de suas memórias. O ponto de encontro se dá entre “imaginação”, “invenção” e “mentira”.

## Fundamentação

Evoco aqui, sobretudo, as obras “Memórias Inventadas” e “Menino mentido”, de Barros e Xavier respectivamente, pois a chave de partida deste texto está na inscrição dos termos “invenção” e “mentira” no terreno memorial da infância – buscando compreender uma proximidade entre *invenção* e *mentira* e o universo da *imaginação* pueril; interessa-me pensar na palavra *inventada* e, nesse sentido, *mentida* (mentira de criança), como ferramenta da *imaginação*. Sem mais me demorar em introduções, partirei de uma espécie de epígrafe tardia, evocando Fernando Pessoa através de um dos trechos publicados em variadas edições de seu *Livro do Desassossego*, uma obra que,

não sendo infantil, dialoga com certa “infância da palavra” – revelando, em sua escrita amargurada, certo *desejo* de atingir uma liberdade infante da palavra, que se confunde com o *desejo* de ver o mundo com olhos livres, como Alberto Caeiro:

As crianças são muito literárias porque dizem como sentem e não como deve sentir quem sente segundo outra pessoa. Uma criança, que uma vez ouvi, disse, querendo dizer que estava à beira de chorar, não “Tenho vontade de chorar”, que é como diria um adulto, isto é, um estúpido, senão isto: “Tenho vontade de lágrimas”. [...] Aquela criança pequena definiu bem a sua espiral. (Pessoa, 2006, p.141)

Uma concepção possível (e, creio eu, uma das mais produtivas) para o conceito vago e instável de literatura, isto é, *de qualquer literatura* (destinada a qualquer um, sob qualquer estilo ou gênero), fundamenta-se na compreensão do gesto literário como gesto lúdico – sempre fingido (mentira de criança, amiga da invenção, alimentada pela imaginação e longe da falsidade) –, gesto de desaprender e reaprender a linguagem, que já não será a mesma linguagem, mas outra, refeita como a mesma e outra, ao mesmo tempo; trata-se de re-criar a linguagem, portanto, sem sair da linguagem (pois não seria possível), e conduzir, assim, a linguagem a seu “estágio nascente”, como diria o poeta português Manuel Gusmão (ao lado de Pound); conduzir a linguagem a sua infância, a uma espécie de pré-linguagem (que, entretanto, contém em si também uma possível pós-linguagem, enquanto provocação de extremos, experimentação e esgarçamento de limites, invasão de propriedades, desterritorialização). O que moveria um escritor (qualquer escritor, no âmbito da literatura) a escrever, então? Podemos responder: certo desejo de provocar esta in-fância da linguagem, que, então, poderíamos compreender como desejo de *experimentar a linguagem em seu funcionamento*. Um desejo – creio eu – que moveria qualquer escrita literária e, evidentemente, também uma escrita *para crianças*. Embora eu não esteja propondo aqui que escrever para crianças se aproxime do gesto transgressor ou revolucionário de perturbar a linguagem através de sua radical desconstrução – aquela ação arriscada ao ponto de levar a literatura a se indagar quanto a sua própria possibilidade de comunhão pela linguagem e violenta ao ponto de se arranhar ou mesmo de se arrasar, provocativamente, qualquer possibilidade de comunidade, pensando aqui na obra de autores modernos (modernistas ou não) e contemporâneos (pós-modernos ou não) da literatura adulta; o que quero sugerir aqui, por ora, é que escrever para crianças, para além de bem contar uma história – pois são, sobretudo, *narrativas* as obras infantis –, seria expor a seu público a linguagem, como sugerido anteriormente, em seu *funcionamento*. Em outras palavras, escrever para

crianças pressuporia experimentar a linguagem e, nesse movimento, deixar a criança experimentá-la conosco – e se se tratam de narrativas em novelas, contos, fábulas, seria o caso de se convidar a criança a esta experimentação/experiência livre do narrar.

Recordo-me de um golfinho com nariz diferente – dizem que nariz de pássaro – sonhando voar como um e já saltando fora d'água como tal, dizem outros golfinhos; e um belo dia ele se sente livre para voar e encontrar no céu outros bichos sonhadores – serpente, canguru, camaleão, gato – que se imaginaram pássaros e voaram como pássaros: “Somos o Bando da Liberdade”, conta-nos o golfinho-narrador do escritor angolano Ondjaki; refiro-me ao livro “O Vôo do Golfinho”, escrito por Ondjaki e ilustrado por Danuta Wojciechowska. Ao fechamento da narrativa, em nota sobre o autor, Ondjaki se apresenta em primeira pessoa como angolano, nascido em 1977 em Luanda (é um adulto, portanto), contando-nos, ainda, que a capital de seu país, onde nasceu, é “uma cidade cheia de histórias, e todo mundo tem alguma coisa diferente para contar. Se não tem, a pessoa inventa.” (Ondjaki, 2012). Afinal, é sobre esta liberdade de invenção-imaginação (da linguagem ou da estória), inscrita no contar (no escrever), que o autor inscreve em vários dos seus livros de literatura (da infantil a adulta). A palavra que nos move de agora em diante é *liberdade*. Lemos em *Uma Escuridão Bonita*:

Quando somos crianças, o mundo fica bonito de repente. Parece um céu aberto com estrelas possíveis de serem apanhadas e guardadas numa gaiola sem paredes de fechar ninguém.

Sigamos o desdobramento destas palavras num breve diálogo-poema-haikai:

- Consegues imaginar uma gaiola ao contrário?
- Acho que sim. Uma gaiola toda aberta. (Ondjaki, 2013, p.93-94)

## **Metodologia**

Perspectiva teórica e ensaística de discussão da temática: memória e infância no ambiente da literatura contemporânea; estratégia de aproximação e comparação crítica entre obras de distintos autores com a perspectiva de discussão sobre modos de representação e experimentação da infância e da memória em campos literários díspares, ultrapassando, em parte, fronteiras entre as literaturas infantil, infanto-juvenil e adulta; aprofundamento do método comparatista pela justaposição crítica de obras selecionadas do autor contemporâneo Ondjaki; fundo de discussão: ensino e leitura no universo contemporâneo da literatura – o papel das literaturas infantil e infanto-juvenil.

## Conclusão

Devemos cruzar as lições de Barros, Xavier e Ondjaki, assim como aquela de Pessoa, de onde partimos, e reconhecer algo porventura próximo à *potência do falso* tal como aparece em Deleuze; trata-se de reconhecer a potencialidade da imaginação e a intimidade desta com a experimentação do mundo e da linguagem (o que é quase a mesma coisa); se buscamos escrever para crianças ou ensinar a linguagem para crianças (ou mesmo para os jovens e jovens adultos, do ensino médio ou superior) através da literatura, devemos estimular o reconhecimento da literatura como essa fervura de imaginação/invenção através da linguagem e conseguir, dessa maneira, convidar o aluno-leitor para participar desta aventura da palavra, para ser parte deste jogo, desta brincadeira (que tem um fundo sério, como todas, enquanto parte da vida). E se penso primeiramente em crianças, num público leitor infantil e infanto-juvenil, não devemos pensar apenas nelas. Lemos pouco. Escrevemos pouco. O estímulo à leitura e à literatura (como ferramenta do ler) é um desafio contemporâneo – é o nosso desafio.

## Referências

- ONDJAKI. *Bom dia, camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Uma escuridão bonita*. Ilustrações de António Jorge Gonçalves. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O Vôo do Golfinho*. Ilustrações de Danuta Wojciechowska. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Ynari, a menina das cinco tranças*. Ilustrações de Joana Lira. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O leão e o coelho saltitão*. Ilustrações de Rachel Caiano. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Org. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas (A infância)*. Ilustrações de Martha Barros. São Paulo: Planeta, 2010.
- XAVIER, Valêncio. *Minha mãe morrendo e o menino mentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.